

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ALVARES PEREIRA, 18 - TELEF. 030467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAFTEX» - TELEF. 0'0256 - MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

A DÚVIDA E A CRENÇA INVERNO

Por - SEISDEDOS BRANCO

1 Se a dúvida é tolerante porque ignora, acusando-se a Igreja Católica de intolerante, exprime-se a verdade inconcussa.

Admitida a discordância, seus dogmas não guardariam a convicção, de sorte que, se a Igreja fosse condescendente, seria ignorante — e a Igreja está cheia de sua ciência evangélica.

Dessa intolerância na dúvida, ressalta a unidade na Religião Católica, no seio da qual não borbulham sismas de qualquer natureza.

Cautelosa e previdente, a Igreja proíbe a explicação dos textos sagrados aos fiéis, reservando essa delicada e sapientíssima função a seus doutores, para evitar objecções e incertezas.

Da interpretação do Alcorão, o livro religioso dos sectários de Mafoia, irromperam cinquentia e tantas seitas, que brigam umas com outras, — como acontece com a dos protestantes —, percebendo-se que a controvérsia, longe de congregar os crentes, os separa.

2 Tanto que se estabelece em qualquer sistema político a dúvida pertinaz e opiniática, segue-se a alteração, a dissensão e a contenda, que tudo termina na desobediência ao chefe; e do chefe, senhor da ideia e tocando na vida dos povos como factor social, não se pode prescindir sem o risco de a comunidade tombar em pavorosa desordem.

Vê-se no decurso da História que a instabilidade do

imperante provoca a descrença, a barafunda, a injustiça e, a imoralidade, porquanto o género humano não dispensa na cabeça da governança o responsável pelos destinos da nação perante Deus e os homens.

E daqui se infere que, ao passo que a dúvida divide e

Por

JOSÉ ESTEVAM

arrasa a crença — neste caso sinónima de obediência — alimenta e unifica, porque da crença nasce o germe da harmonia, que ajunta, e na dúvida o da dispersão, que aniquila.

Se a dúvida faz surgir a discórdia e o desalento, a crença dá forças para superar na vida, pois nunca se enxugaram lágrimas com o lenço negro da dúvida, como não se acenderam entusiasmos com o fósforo ardido da descrença.

3 Nada haverá de mais lastimoso de que a incerteza em ideias e pensamentos. Quem, descrendo de suas faculdades, suspeitar da inteligência, cairá na derrocada de suas ambições.

Sem embargo de indómito carácter, a criatura pode resentir-se da hesitação e não da crença, porque a dúvida apresenta-se sempre crespada e amarga e a crença doce e macia.

Se D. Afonso Henriques, os bispos, os fidalgos e os plebeus concebesses estor-

vos em vencer a moirama, não se estaria agora a relembrar que a fé salva e a descrença mortifica.

O Mestre de Avis e Nuno Álvares Pereira jamais descreeram de que legariam a Terra Portuguesa libertada e, por isso, se assinalaram.

Acaso o preclaro Infante D. Henrique receasse de que os nautas lusitanos desvendariam os segredos do Mar Tenebroso, não se abalaria a abrir a Escola de Sagres. E o Infante era crente — dessa fé imperiosa que descortina o impenetrável aos olhos dos que vacilam na dúvida.

Se o Príncipe Perfeito se fincasse na perplexidade, não manlaria as casquinhas de noz até o Cabo da Boa Es-

(Continua na página 5)

O Outono este ano apresentou-se um pouco diferente nas suas características e semelhava uma perfeita Primavera, havia satisfação; mas o descontentamento pela falta da chuva benéfica, era maior.

Como Deus é administrador maravilhoso e competantíssimo, quando os homens se lamentavam e desanimavam, mandou-lhes um fim de estação que foram uns verdadeiros prenúncios de inverno.

Os campos ficaram diferentes, já não se apresentam sedentos e as plantas parecem sorrir-nos.

Há quem diga que não devia existir o Inverno! Como se não fosse nesta

quadra do ano que nós contemplássemos os dias maravilhosamente tristes e belos, dias indecisos em que parece chover só no céu, sem que sobre a terra pare a mais insignificante gota de água, e que nos dão a impressão mais viva de que o Inverno também tem as suas belezas, sobre as trevas frias — onde apenas surgem fulgurações de pírilampos.

O azul do céu invernal também se apresenta puro e transparente, embora se enfeite de névens decorativas que parecem adormecer além, muito além sobre a terra onde nos mostram certa majestade e encanto.

Estes dias vistos com excrescências pardas qualquer coisa de misterioso nos seus horizontes de imaginação — e antevemos visões que entretêm o espírito daqueles que vivem anciosos de sonhos, onde se descobrem paisagens místicas, donde se adivinha a continuação da vida.

Pena é que os horizontes sejam limitados para que pudéssemos analisar a velhice e a mocidade da terra, revolucionando e decompondo outra vez a crosta em que vivemos.

Para muitos o inverno é apenas a imagem cruel da desgraça e tristeza; e qualquer, só pensa na melhor maneira de se preservar da fúria do vento ou das fortes e grossas gotas que o possam molestar!...

Mas na alma daqueles, já talhados para analisar as intempéries, e o mundo nos

(Continua na página 5)

Amparemos a velhice! Defendamos a árvore!

Por

Cabral Adão

Na altura do Natal, surgem sempre alguns articulistas de jornais a zurzir impiedosamente certas iluminuras que o uso consagrou, como o Pai Natal e a árvore iluminada, alegando, que são

presépio, bem panorâmico, por sinal, com o rio Jordão, o Mar Morto, a vila de Belém, as cimalhas de Jerusalém a um lado, de Hebron a outro, o deserto de Judá, montes de oliveiras, prados de relva, searas, piteiras, palmeiras e, na beira dum caminho, a lapinha do querido Menino, com a Mãe embevecida e o pai adoptivo a contemplá-lo cheio de amor; tenho um belopinheiro, ramo cortado dum gigantesco pinheiro que não perdeu

(Continua na página 5)

intrusões estrangeiras, heresias protestantes, vacuidades pagãs que servem apenas para, em aparências de seduzir, apagar a nossa tradição do presépio, tão católica, tão franciscana, tão real e digna da época que se festeja.

E então, rapam dum facalhão e assassinam o velho das barbas; puxam dum archote e deitam fogo ao pinheiro! E ninguém se levanta a defendê-los!

* * *

Permita-se-me que o faça, arvorado em advogado de defesa desses simpáticos réus, com a minha isenção de católico praticante, com o meu amor à velhice e à árvore, que tanto os mesmos articulistas defendem noutras circunstâncias para eles mais convenientes e oportunas.

Tenho em minha casa um

MOINHO DO ALTO MONTE

a César de Oliveira

Moinho da montanha, irmão da raça
Das velhas e famosas caravelas

— Quem é que te foi pôr, com tanta graça,
Um cravo branco ao peito, aberto em velas?

Quando na estrada, em baixo, a gente passa
E prende o olhar no porte que revelas
— Quem diz que a doce calma te amordaça?
Quem pensa que te rasgam as procelas?

Moinho da montanha, és bem igual
A'queas lindas naus de Portugal
Que viram céu azul e tempestades...

Varando no alto monte, és porventura
A derradeira nau de uma Aventura
Que mói talvez as últimas saudades!...

(Lisboa)

Alberto Jerónimo

Imagens da margem ribeirinha...



O valioso «AUTO-TANQUE DE PRONTO SOCORRO» da Corporação dos Bombeiros V. de Montijo, inaugurado em 1955.

Exco. Sr. Manuel Giraldes de Silva
3.º PRATO

VIDA
PROFISSIONAL

M O N T I J O

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º
Telef. 030245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 030256 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ª e 6.ª feiras
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — primeiros e terceiros sábados de cada mês, pelas 12 horas, no consultório do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da Trindade — Rua Bulhão Pato, 42 — Telef. 030131 — MONTIJO.

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista
Doenças dos olhos
Consultas às 5.ª feiras,
pelas 14 horas
Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º
Telef. 030245
MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça
Av. Luís de Camões - MONTIJO
Telef.º 030502 - 030465 - 030012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
R. José Joaquim Marques — N.º 231
Telef. 030566
MONTIJO

Armada Logos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 030038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030046
Serviços Médico Sociais, 030198
Bombeiros, 030048
Taxis, 030025 e 030479
Ponte dos Vapores, 030425
Polícia, 030144

Telefone 030378

Para Boas Fotografias
procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71

(à Praça 1.º de Maio)

MONTIJO



As jubilosas festas comemorativas da

Banda Democrática 2 de Janeiro

no seu 45.º aniversário de fundação

Mais um aniversário de existência a datar de sexta-feira última dia 2 do corrente, conta uma das sociedades filarmónicas de Montijo, e neste momento cumpre-nos realçar a prestigiosa Banda Democrática 2 de Janeiro, que entrou no seu 46.º ano de obra proficiente nos aspectos musical, cultural e recreativo.

Dispõe esta colectividade dum passado honroso através dum brilhante «palmarès», — conforme já acentuámos na semana finda —, pelas suas actividades associativas: a elevação espiritual pela música, funcionamento dum biblioteca e criação dum grupo cénico, o desenvolvimento físico, pela prática da patinagem, e no aspecto recreativo: jogos de sala, dança e excursionismo.

A comprovar a sua feição beneficente, figura a sua situação de sócia benemerita da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha; a medalha de louvor, da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; a medalha de prata, da Associação Humanitária e Recreativa Cascaense, e categoria de sócia honorária da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Montijo.

Entre outros predicados de primordial valor, são estes os galardões da sua prestimosa existência, agora festejada, pelo que juntamos as nossas felicitações e saudações, aquelas que lhe foram tributadas pelos seus amigos e admiradores.

Conforme tinha sido indicado, iniciaram-se as festas comemorativas na quinta-feira, 1 de Janeiro, pelo concerto dado pela sua Banda, no coreto municipal desta vila.

Já pouco antes das 15 horas, — conforme estava designado no seu programa —, viam-se numerosas pessoas dispersas pela nossa Praça da República, aguardando a chegada da Banda Democrática, que pontualmente ali compareceu, para executar as seguintes peças musicais: — *Sesimbra*, (marcha), de Baltazar M. Valente; *Der Freichutz*, (abertura), G. M. Weber; *Unas do Douro*, (fantasia), de D. Ferreira; *Sigurd Jorsalfar*, (suite), de E. Grieg; *Una Noche en Granada*, (poema lírico), de Emilio Debrien Ruiz, e *Guindim*, (passe-calle), de Baltazar Valente.

Algumas destas peças, foram muito apreciadas pelo público, com seus fervorosos aplausos.

Estava terminada a parte inicial das festas, cerca das 16,30 horas, e a Banda depois dos agradecimentos do maestro sr. Homero Ribeiro Apolinário, fez a saída a caminho da nova sede, na Rua Almirante Reis, desta vila, seguida de bastantes pessoas, para se proceder à inauguração das novas instalações para a aula de música.

Após a sua chegada, fez-se o intervalo de espera aguardando a presença das entidades convidadas para abertura da sessão solene.

Um pouco depois das 17 horas, deu-se então começo a esse acto cerimonial, sob a presidência do distinto causídico sr. dr. António Gonçalves Rita, ladeado pelos srs Justino António Gouveia; dr. Manuel Paulino Gomes, igualmente distinto causídico nesta comarca; Manuel C. Rodrigues Futre, presidente da Direcção e da Comissão Pró-Sede da Banda; José Luís Carneira, João Carvalho Matias, tesoureiro; Álvaro Valente, como convidado, e maestro Homero Ribeiro Apolinário, digno regente da Banda, bem como Francisco Barreiras, José António Crespo e Júlio Faria pela Comissão Pró-Sede.

Com a sala repleta de assistentes, o presidente da sessão sr. dr. Gonçalves Rita, convidou o presidente da Direcção, sr. Manuel Futre, a usar da palavra, o qual leu a seguinte alocução, que por vezes foi sublinhada com veementos aplausos:

«Ao iniciar-se o ano de 1959, nada mais agradável poderia acontecer à Direcção da Banda Democrática 2 de Janeiro, do que verificar a existência de mais um melhoramento de transcendente importância para a sua vida.

Diremos de transcendente importância porque a sua Banda, — aquele conjunto apumado e artístico —, aquele conjunto que nos faz dispendir esforços e perder tempo para lhe darmos o máximo de possibilidades a fim de que o seu valor, — esse valor atirado em prol da colectividade — pelos seus obreiros OS MÚSICOS —, não possa de hoje em diante oferecer abaxamento de qualquer espécie, por falta de uma casa em condi-

ções, portanto, uma nova dependência que satisfizesse os desejos de todos: Directores, Músicos, Maestro e sócios.

Encontro-me aqui falando numa dupla missão: a de Presidente da Direcção e da Comissão Pró-Sede; e como Presidente desta última, ou seja da Comissão Pró-Sede —, limito-me a fazer entrega desta sala à respectiva Direcção, visto que foi a Comissão que tomou a seu cargo a realização desta obra de tamanha necessidade e portanto nesta qualidade está o meu acto findo, pelo que como Presidente da Direcção tenho que fazer declarações mais alongadas.

Em primeiro lugar devo frisar convenientemente que a Comissão Pró-Sede é, quanto a nós Direcção, o fulcro da euforia porque a nossa Banda está passando e que data desde o momento em que se adquiriu este edifício, aquisição em que poucos acreditavam, mas que se tornou em realidade e se vai valorizando consoante os tempos que vão correndo.

Devo frisar convenientemente que a Comissão Pró-Sede não se limita a mandar, e com exclusão da minha pessoa, todos eles, além da preocupação dos encargos criados, trabalham nas obras que se vão realizando, naturalmente fazendo serviços que nas suas casas pagariam a outros para evitar tais mágoas.

Por tudo isto, meus senhores, é que entendemos que, enquanto a Comissão Pró-Sede existir, ela há-de procurar sempre os interesses colectivos sem regatear esforços ou tempo perdido.

Portanto aproveito para publicamente agradecer a essa Comissão tudo o que em prol desta colectividade tem feito, e estou certo que ainda muito haverá a esperar dela. Devo também lembrar que, sem a ajuda de todos os consócios e amigos todas estas obras, tudo isto, que nós consideramos património nosso, não era possível realizar-se, e, portanto, tenho também que agradecer a todos quanto nos tem ajudado e dizer-lhes que a obra não findou, ainda há muito a percorrer, e como tal será sempre junto deles que nós e a Comissão temos que recorrer contando-lhes as suas necessidades, contando-lhes as suas faltas, como um filho amigo de seus pais, que procura junto deles o amparo moral e material para a resolução dos seus problemas.

Existe dentro desta colectividade um grupo de consócios que nunca têm regateado o seu esforço nas obras a que temos metido ombros, e por isso, não mencionamos nomes, nem eles necessitam, porque não trabalham para honrarias; trabalham por amor; trabalham para um maior engrandecimento desta colectividade que eles chamam sua, e, assim, a simples alusão de que eles existem, será um símbolo que todos devem respeitar, porque dessa gente, desses que trabalham, desses que despem a camisa encharcada cujos pingos se entranham na terra como que vincando o esforço produzido, desses contamos sempre com eles, e daqui enviamos o nosso agradecimento sincero e leal.

Guardámos para o final a alusão aos músicos, — alusão que nos limitamos a dizer-lhes — queixavam-se, e com razão, do abandono em que se encontravam, como que esquecidos de que existiam e como tal andavam aborrecidos e sem vontade de ensaiar.

De hoje em diante, tendes uma sala em condições, que não é forrada a serapilheira, mas sim em cortiça, instalada num prédio que também é vosso, bastante arejada e como tal reunindo belíssimas condições para o fim a que foi destinada.

Espero de vós a maior compreensão possível para o esforço aqui feito para apresentar esta obra, de vós depende uma grande parte do futuro da colectividade; depende da maior ou menor vontade de trabalhar dos que a governam.

É preciso não esquecer que, no corrente ano, temos um Concurso para o qual necessitamos de apresentar todo o nosso valor, mas esse valor só o podemos demonstrar com trabalho, com assiduidade aos ensaios, com sacrifício na parte que a cada um toca; se todos nos competarmos de que temos necessidade de demonstrar oficialmente aquilo que valemos, e não duvido de que a nossa Banda sairá prestigiada.

Agora para si, meu caro Maestro e amigo sr. Homero Ribeiro Apolinário, que parecia votado ao esquecimento, vão os agradecimentos sinceros da Direcção, por tudo quanto pela Banda tem feito.

O seu valor artístico guiou a nossa Banda de Música a um pedestal bastante elevado, e confiamos de que no já aludido Concurso, com uma comunhão de esforços sairão todos prestigiados, tal como merecêis; e sem ferir a vossa modéstia, — pois bem sabemos que o sois demasiado — permita-me, e para que o meu caro Maestro fique lembrado de quem no futuro passe por esta colectividade e algo de bom aqui deixe, procuramos retribuir sempre de igual modo —, ousamos prestar-lhe esta pequena e simples homenagem, descerrando a vossa fotografia, para que quando as gentes do futuro se informarem de quem ela é, lhes ser dito que foi dum dedicado maestro que por aqui passou e deixou bem vincada a sua personalidade pessoal e artística.

A seguir, pela menina Maria Carmen Futre, foi descerrada a fotografia do homenagemado, ouvindo-se o hino da colectividade, após o seu descerramento, seguido de prolongadas ovações dos circunstantes.

Após este acto, usou da palavra o sr. dr. Paulino Gomes que justificou a sua presença aquele acto festivo, significando o seu apreço pela obra da Direcção e da Comissão Pró-Sede, com a dedicação dos seus amigos e consócios, cabendo dirigir-lhe felicitações pela obra levada a efeito, agora ali patente.

Cabe-nos aqui destacar que a diligente Comissão Pró-Sede da Banda Democrática 2 de Janeiro, está assim constituída: *Presidente*, Manuel Cipriano Rodrigues Futre, Francisco Barreiras, Júlio Faria, Lúcio Lopes Júnior, Alberto António Galó e José António Crespo, a quem «A Província», por sua vez, dirige as suas felicitações.

Para terminar a sua oração, lembrava a união de todos os montijenses, para o maior prestígio da sua terra natal.

Seguidamente, usou da palavra o sr. Álvaro Valente

(Continua na página 3)

SANFER, L. DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moíno que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para a luto de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

MONTIJO

AGENDA UTILITARIA

Um novo e modelar estabelecimento vai abrir na próxima semana nesta progressiva vila

ANCOSFER

Sociedade de Equipamentos para Autos e Indústrias, Lda.

Sob esta razão social vai abrir na segunda-feira, dia 12, na Rua Almirante Cândido Reis, n.º 38, de Montijo, um novo e atraente estabelecimento comercial de que são sócios os nossos estimados amigos e assinantes, srs. Virgílio Martins da Costa Júnior, António Manuel Carneira e Manuel Gouveia Ferra.

O novo estabelecimento está situado nas antigas instalações da extinta firma «Samorel» e destina-se ao negócio de acessórios domésticos, artigos de escritório e pertences para a indústria, tais como: aparelhos de rádio e televisão; máquinas de escrever, somar e calcular; ferragens; eléctrodos, motos, bicicletas motorizadas, motores, bombas, peças, rolamentos, óleos, pneus, correias, recauchutagem de pneus, etc.

Como acto preliminar da abertura da «Ancosfer», foi proporcionada a numerosas pessoas uma agradável visita às suas instalações no passado domingo, reunindo depois em animado almoço de confraternização que teve lugar no Café Portugal, cerca de cinquenta convivas a quem tributou a sua melhor estimativa de amizade e testemunho de consideração pelas firmas e entidades comerciais e industriais, às quais ficará ligada esta nova firma comercial.

Nesse almoço em que também estiveram presentes os sócios e representantes de conceituadas empresas comerciais e industriais

do nosso país, das quais destacaremos as conhecidas firmas «Auto-Lusitânia», «Fiab», «Ferramentas Industriais & Agrícolas, Lda», «Eléctro-Portugal» e «Santos. Alho & Fernandes, Lda» fizeram-se as mais sensibilizadoras referências aos sócios da nova sociedade «Ancosfer», pelos srs. Sebastião Saraiva, António de Jesus Barroso, Adriano e Santos, felicitando-os pelo seu novo empreendimento e apresentando-lhes os melhores votos de venturas para a sua nova e interessante actividade no ramo comercial.

Auguramos-lhe as maiores prosperidades, visto que passa a ser um dos mais interessantes estabelecimentos da sua modalidade adentro desta vila e concelhos vizinhos, contribuindo para o progresso do Montijo, pelo que neste momento lhes dirigimos as nossas felicitações pela sua honrosa iniciativa.

FESTAS POPULARES DE S. PEDRO

Está constituída em definitivo a Comissão das Festas de S. Pedro para 1959, a qual é formada pelos seguintes elementos:

Humberto de Sousa, Augusto Mendes, Joaquim Gregório, Mário Vicente, Francisco Garrôa, António Pereira Ribeiro, António Fânico, João da Costa Cartaxo e Alfredo Ferreira.

São novos elementos na Comissão das Festas os srs. João da Costa Cartaxo e Alfredo Ferreira, que já tomaram posse dos lugares que vão desempenhar a bem das Festas e da nossa terra.

A Comissão já iniciou os seus trabalhos com vista às Festas do corrente ano, e os projectos das ornamentações e iluminações devem ser apreciados dentro de breves dias.

A Comissão das Festas Populares de S. Pedro, de Montijo, assim agora remodelada apresentamos as nossas saudações, com os nossos sinceros votos de continuidade da sua profíqua acção, em prol do prestígio das referidas festas e do bom renome da nossa terra.

O Montijo associou-se à homenagem ao sr. Dr. Miguel Bastos, Ilustre Governador Civil do Distrito

Constituiu uma calorosa homenagem de simpatia a manifestação que a cidade e o nosso distrito promoveram no último domingo, 4, ao sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, distinto governador civil de Setúbal.

O local de concentração foi na Praça do Bocado, frente ao Município, a qual reuniu ali muito povo, vindo-se presentes igualmente representações dos sindicatos e grêmios, com os seus estandartes, grupos desportivos, sociedades de recreio, Mocidade e Legião Portuguesa bem como a Banda da Sociedade Musical Carriço Setubalense.

A sessão realizada no salão nobre da Câmara Municipal, foi presidida pelo homenageado, secretariada pelos srs. major Magalhães Mexia, e comandante militar, coronel Augusto de Carvalho.

Falou, em primeiro lugar, o chefe do distrito para agradecer a presença ali, do povo de Setúbal e do distrito, e à comissão promotora da homenagem, o gesto de simpatia que lhe era dispensado.

Foram lidos dois telegramas a enviar aos srs. Presidente do Conselho e Ministro do Interior, comunicando-lhes essa manifestação.

No final do acto, sua ex.ª foi vitoriado pela multidão ali presente.

Pelas colectividades montijenses, esteve presente a representação da Sociedade Filarmónica 1.ª de Dezembro, desta vila.

Câmara Municipal de Montijo

Resumo da acta da reunião ordinária de 30 de Dezembro de 1958

Presentes: Os srs. José da Silva Leite, Presidente; e os vereadores, Francisco Tobias da Silva Augusto, Tomás Manhoso Iça, Joaquim Brito Sancho, Carlos Gouveia Dimas, Francisco Braz da Cruz e Mário Miguel de Sousa Rama. Secretário: o sr. José Maria Mendes Costa, Chefe da Secretaria.

Deliberações tomadas:

- Conceder diversas licenças de obras;
- Aprovar o orçamento ordinário para o ano próximo;
- Conceder poderes ao sr. Presidente da Câmara para negociar a aquisição de terrenos, para a construção da Escola do Bairro do Mouco;
- Adjudicar a venda de peles de cães no ano de 1959, a António Pedro Tomé;
- Abrir concurso para a venda de lixos;
- Aprovar o orçamento ordinário dos Serviços Municipalizados, para o próximo ano.

Foi tomado conhecimento de que:

- Foi concedido a este Município um empréstimo de 500 contos, destinado à ampliação da rede de abastecimento de água à vila de Montijo e aos bairros satélites (Afonseiro, Bela Vista e Alto das Vinhas Grandes).
- O Ministério da Justiça concedeu ao nosso Município um subsídio de 1.500 contos, para conclusão do Palácio de Justiça;

Ao Comércio

A Direcção do Grémio do Comércio lembra aos seus agremiados que, durante o mês de Janeiro, devem dar cumprimento ao exposto na cláusula 11.ª do Contrato Colectivo de Trabalho, submetendo os mapas «Classificação do Pessoal» à aprovação do I.N.T.P.

Farmácias de Serviço

| | |
|---------------|------------|
| 5.ª feira, 8 | — Diogo |
| 6.ª feira, 9 | — Giraldes |
| Sábado, 10 | — Montepio |
| Domingo, 11 | — Moderna |
| 2.ª feira, 12 | — Higlene |
| 3.ª feira, 13 | — Diogo |
| 4.ª feira, 14 | — Giraldes |

Espectáculos

CINEMA TEATRO

JOAQUIM DE ALMEIDA

5.ª feira, 8; (Para 17 anos) «Escola para Casadas», com Silvia Pinal, Emilio Tuero e Christiane Martell.

Sábado, 10; (Para 17 anos) «O Último Paraíso», com o galã de (Sissi) Karlheia Bohm e a mestiça Maëa Flohr. No programa: «Agora é que isto vai Aquecer», com Eddie Constantine.

Domingo, 11; — A's 15,30 — *Matinée Infantil* com o filme de gargalhada: «Quem vai à Guerra!», com Bucha e Estica, e ainda lindos complementos.

A's 21,15 (Para 12 anos) o grande filme russo, «3 Homens numa Jangada». No programa: Cine Jornal e lindos complementos.

3.ª feira, 13; (Para 17 anos) «Desforra Fatal», com Guy Madyson; e o drama com Stewart Granger e Jean Simmons: «A Governanta».

LUTUOSA

Após doloroso sofrimento faleceu nesta vila, na penúltima terça-feira, dia 30, a sr.ª D. Aurora Ramos Dias Canastreiro, de 53 anos, natural de Lisboa, doméstica, filha do sr. Calisto Ramos Sendin e da sr.ª D. Maria Ramos Dias Seidedos (já falecidos), casada com o nosso estimado assinante, sr. António Feliciano Canastreiro e cunhada do sr. Manuel Feliciano Canastreiro, igualmente nosso prezado assinante, e industriais nesta vila.

A saudosa extinta era irmã das sr.ªs D. Adoração Ramos Dias Quinteiro, e D. Ângela Maria Ramos Dias Iça; bem como dos srs. António, José e Jacinto Levy Ramos Dias; cunhada do nosso dedicado assinante e amigo, sr. Américo da Silva Quinteiro, residente em Vila Franca de Xira, e prima da nossa prestimosa colaboradora, sr.ª D. Antónia de Oliveira Seidedos Branco e Silva, de Setúbal.

O seu funeral que foi largamente concorrido e esteve a cargo da Agência Funerária Silva Ramos, desta vila, efectuou-se em 31, para o nosso cemitério municipal.

A todos os seus entes queridos e, em especial, ao seu viúvo, irmãs, irmãos, cunhados e prima, endereçamos a expressão do nosso maior pesar.

Balcão e alvará de taberna

— Vendem-se baratos. Informa-se na redacção deste jornal.

Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo. Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

Moradia em Montijo

com 10 divisões casa de banho, 2 retretes, garage e grande quintal. Trata telefone 670909.

Aniversários

- JANEIRO
- No dia 7, completou 15 anos o sr. Joaquim Manuel Palpita Soares, filho do nosso estimado assinante, sr. Mário Manuel Soares, industrial de barbearia nesta vila.
 - No dia 8, completa 54 anos o nosso prezado assinante, sr. José de Brito Costa, de Pegões-Gare.
 - No dia 8, perfaz 3 anos de idade a menina Ana Maria de Oliveira Antunes, filhinha do nosso amigo e sr. José Matias Antunes, funcionário dos C.T.T., nesta vila.
 - No dia 8, completa 18 anos o sr. Augusto José de Almeida Gervásio, neto do nosso dedicado assinante, sr. Augusto Gervásio Júnior, comerciante nesta vila.
 - No dia 9, perfaz 15 anos o sr. José Florindo Ribeiradio Pratas, filho do nosso estimado assinante, sr. Augusto César Lopes Pratas.
 - No dia 9, perfaz 50 anos o sr. Henrique Pascoal, nosso dedicado assinante de Portalegre, a quem endereçamos saudações de especial estima.
 - No dia 10, completa 12 anos a menina Maria Luisa Horta Rodrigues, gentil afilhada do nosso prezado assinante, sr. Carlos Gonçalves Tormenta.
 - No dia 10, perfaz 18 anos a menina Maria Felisbela Dias Graís, filha do nosso estimado assinante, sr. Edmundo Duarte Graís.
 - No dia 10, o menino Joaquim José Almeida Capela, filho do nosso assinante dedicado sr. Joaquim Mendes Capela.
 - No dia 12, completa o seu 7.º aniversário o menino João José Barreira Martins, filhinho do nosso prezado assinante, sr. Avelino Martins Tomé.
 - No dia 12, o sr. José Tavares de Almeida, nosso estimado assinante, residente em Lisboa.
 - No dia 13, perfaz 12 anos a menina Isabel Maria da Costa Brito, filhinha do nosso prezado assinante, sr. José de Brito Costa, de Pegões-Gare.
 - No dia 13, a sr.ª D. Isaura Maria da Cruz Leitão, mãe do nosso estimado assinante, menino João Carlos da Cruz Leitão.
 - No dia 13, o sr. Amaro Soares da Silva, nosso dedicado assinante, residente no Brasil.
- A todos os aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas melhores felicitações.

Vende-se

— Casa de habitação, quintal e 2 armazéns, na Rua António Rodrigues Pimentel, n.ºs 14-16. Trata no n.º 14 — MONTIJO.

ANCOSFER

Equipamentos para Autos e Indústria, Lda.

Motos - Bicycletas Motorizadas - Motores - Bombas

Rua Almirante Cândido dos Reis, 38 Telefone 030288

MONTIJO - Portugal

António da Silva Lourenço
Mercuria, Foaqueiro, Louças e Vidros, etc. Vinhas e Tabacos
Alto Estanqueiro - MONTIJO
Telefone 038922
Deseja aos seus Ex.ªs Clientes e Amigos Boas Festas e Ano Novo muito venturoso.

Café S. Jorge
de Jacinto Caria
Pastelaria - Cervejaria - Balthares
Lularias
Praça 5 de Outubro — Telef. 038 940
MONTIJO
Deseja aos seus Ex.ªs Clientes e Amigos Boas Festas e Ano Novo muito próspero.

Consultório Dentário
Dr. A. Gonçalves de Azevedo
3.ª, 5.ª e Sábados, às 14 h.
Rua Almirante Reis, 134
MONTIJO

BANDA DEMOCRÁTICA 2 DE JANEIRO

(Continuação da página 2)

dizendo que tinha sido surpreendido agradavelmente pela gentileza do convite para ali comparecer, o que justificava a sua estima e agrado pela homenagem prestada ao maestro sr. Homero Apolinário,

Manifestava igualmente o seu apreço pela existência da aula de música adentro da colectividade, como valioso elemento para a cultura geral e do sentimento, dos seus executantes.

Ao rematar as suas considerações, — e demonstrando a sua simpatia pela obra realizada pela Banda Democrática, instituiu adentro da colectividade aniversariante, o prémio anual destinado ao melhor aprendiz que saísse da escola respectiva, sob a invocação do nome de seu pai, o falecido «Maestro Baltazar Manuel Valente», e que serviria de estímulo ao aperfeiçoamento musical dos seus elementos, gesto que foi carinhosamente aplaudido por toda a assistência.

Referiu-se o orador às palavras do sr. Manuel Futre, presidente da Direcção, quanto ao Concurso em projecto, e afirmou que tendo sido pioneiro da participação da Banda da 1.º de Dezembro no Concurso da Holanda, fazia os melhores votos para que neste próximo Concurso, saísse igualmente prestigiado o nome de Montijo.

A encerrar as suas palavras a Banda Democrática, executou novamente as duas peças musicais de Maestro Baltazar Valente, «Guindim»

e «Sesimbra», que já tinham constado do Concerto da tarde.

Em seguida, o maestro Homero Ribeiro Apolinário, agradeceu reconhecidamente a homenagem prestada, felicitando a Comissão Pró-sede e sócios da colectividade pelo novo melhoramento realizado. Quando à fotografia ali inaugurada, salientou que seria mais do seu agrado, a homenagem à Banda por completo, através duma fotografia geral dos seus músicos.

Pela inauguração das novas instalações, fazia os melhores votos pelo aumento do número de aprendizes da Banda.

No final das suas palavras, esta fez-se ouvir na execução do hino da colectividade.

Como último orador convidado, usou da palavra o sr. Justiniano António Gouveia agradecendo à Direcção da colectividade a gentileza do convite feito e felicitando a Banda Democrática pelos melhoramentos obtidos através da sua operosa Comissão Pró-Sede.

A encerrar esta sessão, falou o presidente da Assembleia Geral, sr. dr. António Gonçalves Rita a agradecer a presença de tantas pessoas amigas, destacando a individualidade do regente da Banda, sr. maestro Homero Apolinário, de quem teceu o respectivo elogio.

Mais uma vez a Banda Musical aniversariante, executou o hino associativo, retirando-se as pessoas presentes.

Na noite de quinta-feira, teve efeito na sua sala de

espectáculos uma «soirée», em que tomou parte um conjunto musical abrihantado por elementos privativos da Banda.

* * *

Na sexta-feira, 2, — dia próprio do seu aniversário —, a colectividade aniversariante, cumpriu brilhantemente o seu programa festivo. Às 8 horas, saída da Banda em visita de cumprimentos ao nosso Município, com a presença do seu presidente, vereação e funcionalismo, aos jornais locais «A Província» e «Gazeta do Sul», e ao Quartel dos Bombeiros de Montijo, — igualmente ali recebida carinhosamente pela sua corporação

em formatura e saudações da praxe, ao som do hino da Banda Democrática.

Dali, a seguir, o volumoso cortejo dirigiu-se à sede antiga na Rua das Taipas, onde teve lugar o jantar de confraternização que reuniu cerca de 100 convivas, entre os quais todos os componentes da Banda e os aprendizes.

Entre os convivas, encontravam-se os srs. Drs., Gonçalves Rita e Paulino Gomes; maestro Homero Apolinário, esposa e filhos; Álvaro Valente; José Cardeira; Manuel Futre, diversos elementos da Direcção e da Comissão Pró-Sede, respectivamente, Artur Inácio dos Santos, João Carvalho Matias, Amável Diniz, António Manuel Duarte Pinho; Francisco Barreiras, José António

Crespo, Lúcio Lopes Júnior, Luciano Catita, etc, etc.

O jantar decorreu num ambiente de grande estima entre todos os presentes, como sintoma de regozijo entre toda a família e amigos da Banda Democrática.

O nosso jornal que se fez representar por um dos seus redactores, confessa-se extremamente reconhecido pelo convite que lhe foi dirigido e gentileza da sua visita à nossa redacção, augurando — novamente o mais venturoso futuro, a uma das mais prestimosas colectividades de Montijo.

Nessa noite, efectuou-se igualmente um imponente baile, abrihantado pela distinta «Orquestra Eldorado», da nossa vila, o qual foi largamente concorrido.

FUTEBOL Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 1 - Atlético, 1

Um ponto bem ganho e outro mal perdido, pela turma do Montijo

As equipas alinharam:

MONTIJO: — REDOL; MORA E BARRIGANA; SANTANA, PINTO E ANDRÉ; BARRIGA, SERRALHA, VEREDAS, JOSÉ PAULO E ROMEU.

ATLÉTICO: — Dias (Santos); Pereira e Victor Lopes; Germano, Alvarez, e Orlando; Messiano, Carlos Gomes, Inácio, Albano e Angeja.

Árbitro: Francisco Guiomar, (de Beja).

Depois duma luta igual na primeira parte, em que cada uma das equipas parecia recluir a outra, — ou por nervosismo ou por desajustes, — certo é que ambas se equivaleram, como dissemos, em lances pouco claros de objectividade e desaproveitados quanto à sua verdadeira finalidade, quando se sucediam na zona da verdade.

Na 2.ª parte, todavia, embora também ambas as equipas tivessem subido, — em garra, em força, e em geito —, o Montijo — sem dúvida alguma, fez jús a uma vitória que lhe assentaria muitíssimo bem e que já começava a saborear-se, se não fora o golo metido na... 3.ª parte, de parte do juiz e da turma alcantarense.

Poderá parecer ironia, mas resumidamente poderíamos descrever assim o prélio: 1.ª parte, 45 m. de ambas as equipas; 2.ª parte, 45 m. do onze montijense; 3.ª parte, 4 minutos (a do golo «balde-de-água fria») da turma da Tapadinha.

Ao iniciar-se o prélio, julgámos ir ver um Atlético descontraindo, jogar e deixar jogar, porquanto os cinco pontos que a sua liderança lhe trazia, embora não fosse um triunfo certo para ganhar, seria julgamos nós um triunfo para impôr uma personalidade de à-vontade e de acerto, já que a sua forma atlética é algo impressionante, e mesmo que não ganhasse, pelo menos mostraria a desenvoltura equivalente aos cinco pontos à maior, até ao momento presente do campeonato.

Assim como esperávamos, é certo da parte de Montijo a marcação conveniente às pedras basilares dos alcantarenses, e os predicados actuais, sistema de jogo, pujança física e moralização psico-táctica — técnica, atributos dizíamos nós, que neutralizaram talvez a equipa lisboeta.

Ora nesta primeira parte, além de uma jogada ou outra que foi forjada com cabeça, tronco e membros, ou de maior sensação, mas também de espectacular falhanço, qualquer das equipas poderia ao atingir o intervalo ter feito funcionar o marcador, pois houve autênticas «perdidas».

E, lembrarmo-nos sobretudo daquela que Veredas não aproveitou, só com o guarda-redes à sua frente, quando a bola foi mal batida por Alvarez.

Contudo mesmo assim, o grupo da casa teve mais querer e Romeu

salientou-se bastante neste tempo.

Mas não se esqueça a vivacidade e movimento com que ambas as turmas disputavam o esférico, todavia as duas linhas de ataque ou desperdiçavam várias ocasiões, ou eram anuladas de qualquer modo.

Foi notória até a rapidez com que os jogadores se entregavam aos lances, sob a complacência de um árbitro com pouco pulso e que por vezes se desorientava.

O prélio recomeçou com a maior intencionalidade por ambas as equipas, batendo-se todos os jogadores com muita alma, tentando modificar o embate.

Foi mais objectiva porém a equipa de Montijo, mais ousada e já mais à vontade em todo o terreno. Um forte remate de José Paulo que Dias, seguiu bem, deu-nos a confirmação da disposição do onze montijense. Pouco depois de Carlos Gomes causar pânico na grande área dos locais, o Montijo colocava-se, em justo vencedor, aos 12 minutos, por intermédio de Barrigana que arrancando a bola de 35 metros da baliza, na marcação de um livre, fez o esférico entrar na baliza pelo canto superior direito, como uma bola.

O livre foi marcado, por falta de Alvarez sobre Romeu, quando este se encaminhava com o esférico, numa bela série de «dribles».

Após este golo as equipas entregaram-se denodadamente ao ataque e foi ainda a turma montijense, que forçou mais o 2-0.

O jogo atingiu então um bom ritmo, com os jogadores de Montijo, dentes cerrados, forjando lances e a defesa do Atlético defendendo-se com acerto e contra-atacando também com perigo.

Esta fase foi arrazante para os jogadores e emocionante para os espectadores.

Germano adiantando-se, empurrava a sua turma para ataque e as jogadas desenrolavam-se com rapidez, ora num meio campo, ora noutro.

No último quarto de hora, enquanto Vitor Lopes esteve fora do rectângulo a receber tratamento, Barriga perdeu inglôriamente os 2-0, por falta da calma precisa, não aproveitando como merecia mais um esplêndido lance de Romeu.

Entretanto noutro contra-ataque de Montijo e quando Barriga se preparava para cabecear o esférico para a baliza, Dias a soco atingia aquele jogador do Montijo, ao pretender afastar a bola. Após este lance, Barriga foi receber tratamento e Santos substituiu Dias.

Aproximava-se o termo da partida e nas bancadas perpassava um frémito de emoção pela conquista dos dois pontos da turma local, que já nada parecia poder perigar. Diga-se, dois merecidíssimos pontos arrancados com aquela vontade de querer da turma montijense.

Todavia o Destino e... o árbitro,

assim não o quiseram, pois o jogo foi sendo prolongado até que uma descida rápida do Atlético apanhando a defesa distendida pelo campo, por intermédio de Messiano e Carlos Gomes que num pontapé rápido e potente perto da baliza bateu Redol; tinham-se atingido três minutos de prolongamento.

Mais um minuto e o árbitro, sr. Francisco Guiomar, fez terminar o prélio.

Assim, no último minuto do jogo o Montijo perdeu um precioso ponto e uma merecidíssima vitória.

Do Montijo, — Redol, Mora, Pinto, Barriga e Barrigana, — este, em especial —, pelo seu excelente golo, salientaram-se levemente os restantes, que de uma maneira geral, cumpriram bem. Todos se esforçaram e trabalharam para a vitória, que fugiu a poucos segundos do termo da partida.

Do Atlético, Alvarez, Angeja e Albano, foram aqueles que melhor creditaram e exibição do Atlético, Germano pareceu-nos em inferioridade física e técnica do princípio ao fim, com poucos momentos de fulgurância na 2.ª parte.

Ao árbitro sr. Francisco Guiomar, foi a segunda vez que o vimos actuar. (A primeira no Lusitano — Benfica).

Confirma a sua falta de pulso nestes jogos, em que os jogadores correm com o coração nas mãos. Parece ter momentos em que se desorienta e se confunde, não sabendo, não querendo ou não podendo reprimir na altura própria os excessos de nervosismo dos jogadores.

Não perfilhamos que se deixe fazer tudo quanto apetece aos jogadores, para depois estes certos de impunidades tomarem atitudes mais irreflectidas e serem expulsos. Não é solução, nem aproveita ninguém. O que é necessário, é o juiz impor-se aos jogadores e castigar se preciso até, com a expulsão, mas com justiça.

Ora o sr. Francisco Guiomar não se impôs e foi falho de critério, pois nem sempre foi uniforme no seu trabalho.

Sobre o prolongamento, entendeu que devia descontar o tempo, e não se lhe pode levar a mal por isso, mas na nossa opinião parece-nos ter exagerado um pouco.

Um ou dois minutos, seria o suficiente para se aprovar o seu critério.

De resto, se entendeu que devia punir as demoras que lhe pareciam propositadas dos montijenses, não sabemos se seria de descontar também como fez, o tempo provocado pelo lance do guarda-redes do Atlético, ao ir atingir o jogador Barriga. Teve o sr. Francisco Guiomar a certeza que Dias apenas se fez à bola e não também, pretendeu afastar o adversário?

Nós estávamos mais longe, mas pareceu-nos haver falta do guarda-redes alcantarense. Se houve, não há dúvida que o sr. Guiomar ao fazer justiça a seu modo, deu a uma injustiça, pois privou da vitória o grupo que mais a mereceu.

E agora só um pequeno reparo: O árbitro bejense não prolongou o jogo Lusitano-Benfica, muito embora houvesse fortes motivos para o fazer. Apenas, uma pequenina diferença de critério...

D. Vasco

Concurso de Prognósticos de Futebol

Cupão n.º 16, jogos de 4-1-1959

Por absoluta falta de espaço, em virtude da aglomeração de original e extensão do relato do jogo Montijo-Atlético, só na próxima semana poderemos dar o resultado de apuramento dos jogos efectuados no domingo passado e respeitantes ao cupão n.º 16.

Desse precalço involuntário, pedimos desculpa a todos os interessados.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 18

Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»

Domingo, 18-1-59

Table with 2 columns: 2.ª Divisão (Zona Norte) and 2.ª Divisão (Zona Sul). Lists teams and their matchups for the National Championship.

Nome

Morada

Localidade

«A Província» Cupão N.º 18

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo, 18

A Dúvida e a Crença

(Continuação da primeira página)

perança; e D. Manuel I, temendo-se de sua glória, não ganharia o sítio de enviar à Índia o bravo almirante Vasco da Gama, que não duvidou de que lá chegaria.

É de supor que El-Rei D. João IV e os conjurados de 1640 não teriam triunfado, se não abraçassem a firmeza de que sairiam vitoriosos da tentativa.

4 Aceitando-se a dúvida como derivada da incipiência, logo se impõe a necessidade de espantar a ignorância, para deitar fora a dúvida.

Que fizeram os indecisos, esses marcantes vagabundos que não alcançaram o farol da crença?

Chega-se à conclusão de que a bravura e a crença não pecam por duvidosas e que a dúvida há-de ser descuidada, soturna e lamentável, enquanto a crença e a persistência por sua natureza se regosijam de alegres, confiantes, sublimes e raudas. Enquanto S. Pedro confiou,

passeava sobre o mar; mas, assim que lhe sobreveio a dúvida, submergiu-se nas águas.

E sendo verídico que a credulidade se mostra sentimental e a dúvida se revela materialista, eis aí porque as três excelsas virtudes — Fé, Esperança e Caridade — excluem o desânimo, a descrença e a avareza, sentimentos abstractos da Humanidade vaidosa de sua importância.

José Estevam

Foto Cine filme

Trabalhos para amadores
fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos
Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Do Minho ao Guadiana

Eros dos Subúrbios de Montijo

Do Afonsoeiro

Camionetas de lixo estacionada na via pública.

(Atrazado na Redacção)

Quem passa pelo bairro do Afonsoeiro encontra diariamente estacionadas, das 12 às 14 horas, em frente aos estabelecimentos onde se servem refeições, duas ou três camionetas vindas do chamado «Porto da Lama», com os respectivos carregamentos imundícies.

Este estado de coisas não pode nem deve ser mantido, pois além do cheiro nauseabundo que daí provém, e propagação de insectos e micróbios resultantes das matérias em decomposição, é bem um perigo para a saúde pública.

Bastaria para solucionar este problema, que esses ou outros carros fossem deixados um pouco mais abaixo da zona habitacional, e não seria difícil aos seus ocupantes percorrer a pé uns 100 a 200 metros, pois — quando a nós — isto é uma distân-

cia relativamente curta.

Confiamos na boa compreensão dos causadores desta anomalia e à falta dessa solução, pedimos ao ex.º Subdelegado de Saúde, para que intervenha no sentido de serem tomadas as providências necessárias. — (C.)

Pegões - Estação

(Atrazado na Redacção)

Melhoramentos locais:

Electrificação — No dia 10 de Dezembro findo, pelas 8,30 da manhã, a população deste pequeno e laborioso lugar, da freguesia de Canha, foi alarmada com alguns foguetes, anunciando que tinham começado as obras de construção da cabina eléctrica, para a electrificação de Pegões, que segundo nos informaram deve estar concluída até 15 de Março de 1959.

Foi com bastante alegria, que se viam todos os habitantes nas ruas deste lugar, para lhes dar um ar de festa e saber que iam em breve

ver completamente satisfeito este grande melhoramento.

Bem haja o sr. presidente da Câmara Municipal de Montijo! Saber esperar é uma grande virtude, e nós todos juntos, temos esperança de melhores dias.

Cemitério — Oxalá não demore o facto de assistirmos à construção do cemitério local, pois estamos informados que não deve demorar muitos dias...

É um grande melhoramento, que nós todos desejamos ver concluído.

Águas — E' já tempo de pedirmos mais uma vez, a construção dum poço público, marco fontanário e lavadouro que bastante falta fazem, em virtude de os últimos anos terem vindo muito secos e haver grande dificuldade em se obter água para os seus habitantes.

Confiamos na boa vontade do sr. presidente da Câmara, pessoa sempre desejosa de atender todos os justos pedidos dos habitantes do nosso concelho. (C.)

Amparemos a velhice! Defendamos a árvore!

(Continuação da primeira página)

nada com a amputação; velho não tenho, mas já me vou sentindo apto a pôr barbas de algodão, a envergar o gibão encarnado e carregar com um saco de prendas que não seja muito pesado, para distribuir pela filharada. Se é pecado, confesso-o, para me ser perdoado a 50%.

Acusam-me, portanto, de me deixar vencer por estrangeirismos perniciosos: a árvore e o velho. Mas não ando influenciado por estrangeirismos de toda a ordem? Não tenho eu que suportar estrangeirismos no trajo, na cozinha, nos transportes, nas comunicações, nos recreios, na língua (estrangeiro, do francês — *étranger*...), em tudo?

Se fossemos a rejeitar com puritana altivez tudo que a estranha tem metido nos nossos costumes, não tínhamos automóveis, não tínhamos telefones, não tínhamos cinema, nem rádio, nem televisão, nem maionese, nem danças arrítmicas, nem — e isso é o que era mais grave — futebol!!!... Éramos uns abexins do século XIX!

Ora vamos lá aduzir alegações começando pela simples e bela palavra Natal.

O que é o dia de Natal, meus senhores? É o dia em que Jesus Cristo faz anos. Pura e simplesmente. O dia de aniversário de Jesus.

Quando, em nossas casas, alguém faz anos, o pai, a mãe, um filho, há festa. Dão-se prendas, beijos, abraços, estreiam-se fatos, junta-se a família, as refeições são melhoradas, faz-se um bolo com tantas velas quantos os anos que o festejado fez (oh, diacho! estrangei-

rismo!...), celebra-se, enfim, o dia de qualquer forma. Claro está que na casa ao lado não há festa alguma, especialmente se for habitada por uma família que esteja de relações cortadas com a família em festa.

Portanto, quando vimos alguém, nos finais de Dezembro, desfraldar qualquer bandeira, por bem extravagante que seja, que recorde o acontecimento supremo passado há 1958 anos, temos que deduzir que esse alguém está a festejar o aniversário de Jesus, cujo nascimento anda envolto num incenso de amor capaz de enternecer o coração mais empedernido. É esta festa é tão universal, tão contagiosa, tão transbordante, que se pega a todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, cidadãos ou camponeses, europeus ou africanos; que nos faz mais irmãos, pela caridade, pela generosidade, pelo intercâmbio de saudações.

Influência protestante?! Pois não amam os protestantes o mesmo Jesus, embora, fugidos ao Papa e a certas verdades, desvios em que eu os lamento com piedade? Pois não foi um pastor protestante que compôs a célebre canção «Noite de Paz», em 1818, Franz Grubber, que se espalhou, célebre, a todo o mundo? Sabem lá o que é o Natal em Copenhague, em Stocolmo, em Praga, em Londres, em Oslo, em todas as cidades da chamada zona fria?! As populações vêm em massa para as praças dar largas ao seu amor cristão. As Câmaras Municipais (ou organismos similares) ornamentam

as árvores dos jardins com miríades de luzes, brinquedos, guloseimas, e oferecem-nos às crianças — os principzinhos da festa de Natal em todo o mundo — num espectáculo inesquecível de cor, de vivacidade, de música, de amor. Nos lares, criou-se a tradição mimoso do sapatinho na chaminé. Qual a resultante de tudo isto? Duas palavras. Nasceu Jesus. Viva Jesus!

Será estrangeirismo a Câmara de Lisboa também iluminar o Chiado e instalar uma luminura bem portuguesa no Camões, ou o «S. Jorge» ter no átrio uma gigantesca árvore de Natal, cartazes vivos para a população da capital?

Não, meus senhores! Tudo quanto se vir com ar de festa, nem que seja um simples laço de celofane vermelho, um fio de trena brilhante, uma perneirinha de azevinho ou de gilbardeira, agrada a Deus, pois, no fundo, representa uma celebração. Na igreja, na rua, no lar, na fábrica, no mar, na mina, no ar, na trincheira, os corações suspendem-se uns momentos em recolhimento íntimo, como encontrando-se na sua essência e no seu destino, que dizem Redenção pelo caminho de Jesus Infante.

E que significa este número de 1958, pelo qual quase todo o mundo se guia, senão os anos que tem o mesmo Redentor?

* * *

Ora cheguem-se cá para ouvirem um segredo: se formos a aprofundar a raizinha destes costumes, encontra-

mo-la no florilégio cristão.

E esta?!...

ARVORE — Foi S. Bonifácio que, cristianizando o culto pagão do deus Thor, na Germânia, em 724, simbolizado num carvalho, preparou um pinheiro enfeitado festivamente e o indicou como gracioso símbolo da mensagem do Messias. Isto se lê, p. ex., na «STELLA», revista de Fátima, em cujo número 204 de XII de 1953, se diz: «Não será bom caluniar este costume, alcunhando-o de pagão ou protestante, deturpando o seu sentido que se declara oposto ao presépio».

PAI NATAL — É uma reminiscência de S. Nicolau (ou S. Claus), do ano 270, bispo de Demre (Myra dos nossos dias), que a Igreja elevou aos altares pelo seu activo de caridade e de taumaturgia, especialmente visando as crianças.

O seu dia, 6 de Dezembro, era celebrado com festas alegres e troca de presentes, ficando, por contiguidade, a fazer parte do Natal, modificada a figura do santo pelos países do Norte, que o prepararam para suportar os frios do Ártico e lhe chamam «Nikolaus».

Ora aí está. O Pai Natal e a árvore são radicalmente de via católica, desdenhados por nós e aproveitados pelos nórdios, mais espertos.

Com presépio, com velho «Papá Noel», com pinheiro, com sapatinho... o Natal será sempre o Natal! Deixem-no passar, que é tão bonito!!! E não sejam nós, católicos, a levantar quezílias nesta época de Paz e de Amor!

Cabral Aúço

INVERNO

(Continuação da 1.ª página)

seus mais pequeninos detalhes, há uma sensibilidade de sentimentos, de mística que vê até por entre a negrura da terra aquela centelha fulgurante que lhe dá luz e beleza.

Quando se aproxima esta estação ficar-me-ia pena se não designasse quanto sinto pela magia que a envolve nos seus aspectos tão diferentes e magnânicos da própria natureza.

Nas horas de calma severidade em que se ouve gorgotejar a água por entre sombras românticas, a nossa alma parece respirar naquela atmosfera moral e gentil.

As trevas são a gala desta quadra do ano, porque se estas asfixiam os dias, estes por entre elas teimam e reagem.

No Inverno temos a felicidade de admirar uns poentes diferentes nas suas apoteoses e riqueza dos seus delirados esplendores.

Mesmo nos dias em que a chuva cai em catadupas há horas de puríssimo sol e céu, embora no mesmo instante as nuvens se guerreiem, jogando faíscas nervosas e alucinadas, que fazem a doçura das sombras com rápida suavidade!...

Quanto teríamos nós para dizer sobre o magno espectáculo duma tempestade, ou duma trovoadá eminente?!...

O belo e o trágico em competição, são duma beleza irreal, dum temor exclusivo, dos mesmos.

Não há palavras que o possam descrever, mas há olhos para verem e almas para sentir.

Tudo quanto a Natureza nos oferece serve para alimento da alma, do espírito e... do corpo.

Selsdodos Branco

Recreio e Desporto

O Grupo Cénico do pessoal da Companhia dos Telefones é um forte baluarte na

O pessoal da Companhia dos Telefones, possui integrado no seu Grupo Desportivo o seu conjunto cénico, que tem realizado alguns espectáculos com real vulto, sendo o último êxito, levado à cena com elementos novos, que iniciaram o novo ciclo de actividade, com a representação da comédia em 3 actos «A Bisbilhoteira», através da qual cintila, o espírito fulgurante do saudoso escritor e jornalista, que foi Eduardo Schwalbach.

Foi num dos intervalos desta graciosa comédia, em que os amadores teatrais da Companhia dos Telefones, se dedicam à arte de Talma, consagrando com boa vontade entre os deveres profissionais, ao conjunto harmonioso, em que todos nivelaram aptidões, boa vontade e acima de tudo equilíbrio de representação, que nos avistámos com o sr. Domingos Guerreiro, um dos noveis orientadores da secção, e que, em conversa amena, em uma das salas do «Estrela Hall», onde o espectáculo tinha lugar, que realizámos esta breve entrevista.

— Há quanto tempo os telefonistas se dedicam à interessante arte de representar?

— Vem de longe já, o entusiasmo, pois em 28 de Agosto de 1936, realizou-se o «primeiro telefone em festa», com as comédias «Milagres de Santo António» e «Duas Gatas», além dum acto de variedades.

cultura, mas precisa de mais carinho

— afirmou-nos o seu director, sr. Domingos Guerreiro

Mais tarde em Lisboa, em 16 de Janeiro de 1938, através do «Telefone Excursionista», realizou-se no Teatro Politeama uma grande récita, com a comédia «Desculpa ó Caetano e Nove...» quadro de Luís Ferreira, com música de Tobias Valido.

Depois apareceu oficialmente o Grupo Desportivo, integrado no Corporativo, formando-se vários pelouros e estou certo que se deve à dinâmica acção de D. Isabel Marques, primeiro elemento directivo, o período áureo que essa secção manteve durante bastantes anos. Presentemente, encontra-se afastada da actividade, mas o seu amor e dedicação está sempre presente e os seus conselhos são sempre dignos de escutar.

— Diga-nos sr. Domingos Guerreiro, quais os benefícios, que essa organização tem dado aos empregados da empresa?

— Benefícios, propriamente ditos, poucos ou nenhuns, quanto a mim, apenas benefícios espirituais, para aqueles que se dispõem a acompanhar os amadores nas suas exibições, e a propósito devo afirmar-lhe que tem sido pouco acarinhado por parte

dos colegas. O teatro seja ele amador ou profissional, é um meio de cultura, de instrução a que essa percentagem de colegas pouco ou nada dão de merecimento.

— Quais as peças até hoje ensaiadas e apresentadas em público?

— Na classe de comédia, «Os vizinhos do rés-do-chão», «Quem matou?», «Pão, amor

— Entrevista por

Ribeiro Nunes

e alegria», «Dois maridos em apuros», e presentemente «A Bisbilhoteira». Apresentámos também, uma revista sobre as actividades da Companhia: «Sua Alteza, o Telefone» e a opereta «A Fonte dos Milagres».

Isabel Marques e o seu dinamismo

— Há pouco, falou-nos com certa saudade, dum nome, o de Isabel Marques. Pode contar-nos o que foi a sua actividade?

— Com muito prazer! O trabalho de D. Isabel Marques, quanto a mim, foi sempre merecedor de elogios e, se por acaso, não fez mais, foi, segundo dizem, porque lhe estava vedada a expansão do grupo cénico. Era o director necessário para a nossa actividade, pois, havia vontade de fazer mais e melhor, mas porque lhe apareceram grandes obstáculos e lutasse com falta de meios, o recurso foi o de pedir a demissão. No entanto, ainda hoje se fala com saudade desses tempos e eu, porque lhe tenho grande amizade, sinto-o sobremaneira.

— Quem orienta presentemente as actividades do pelouro?

— O Director é o sr. engenheiro Manuel Lopes Peixoto e por mais três elementos: eu, D. Eugénia Valadas e Leopoldo Braga.

— No naipe de amadores, gostávamos de saber, os que mais se destacam!

— Sobre amadores, temos alguns de real valor, ferir susceptibilidades em nomeá-los não é minha intenção. No entanto, destaco os nomes de Maria Augusta Silva, Francisco José Gonçalves, Júlio Albino e mais recentemente Adriano Bentinho.

— Mais uma pergunta, que pensamos envolver todo um sonho: o que pensa para o futuro das vossas actividades?

O sr. Domingos Guerreiro, acendeu um cigarro e depois dum longo silêncio como que meditando, exclamou:

— Para ter um futuro, como eu desejava, para já, conseguir-se em qualquer

sua adesão, pois seguindo as minhas ideias, o pelouro não parava, pois apresentava-se uma peça com vários elementos e imediatamente se ensaiava outra com outros que estivessem disponíveis.

Ainda quanto ao futuro, pensamos levar à cena, ainda esta época mais uma comédia, seguindo-se uma revista para a qual penso convidar alguns empregados da Companhia, conhecedores do assunto, pois seria o ideal voltarmos a apresentar nova revista nos moldes das outras já apresentadas. Ideias não faltam; veremos se elas se tornam realidades, algumas até não estão no âmbito desta entrevista.

la continuar a segunda parte do espectáculo e demos por findo este colóquio, enquanto que José Martins, seu ensaiador e amador de velhos tempos, dava as últimas instruções. E, gostámos sinceramente, do seu desempenho.

Última hora

ALCOCHETE

Desastre mortal de viação

No último sábado, dia 3, pelas 8,30 horas, quando se dirigia para o seu trabalho, foi colhido perto desta vila, por uma camioneta do exército em serviço do Campo de Tiro de Alcochete, o menor Carlos António Garrett Pardal, de 14 anos, filho de Vitorino Pardal e de Maria Isabel Garrett, aqui residentes.

A camioneta era guiada pelo soldado condutor Fernando Martins Marques, tendo produzido lesões internas à vítima.

O desditoso rapaz faleceu pelas 10 horas da manhã, depois de ter recolhido ao hospital desta vila.

O referido menor foi autopsiado na tarde de segunda-feira passada e foi sepultado no cemitério de Alcochete. — (C.)

BODAS DE OURO

ao meu querido pai:

Bodas d'ouro, que magia,
Que fulgor, que doce encanto;
Que chegassem com seu manto
Tão depressa, quem diria?

Há flores, há alegria;
Há ternura e há calor;
Há um hálito d'amor
Pela casa, neste dia.

E, nos rostos conhecidos,
Há parabéns pressentidos
Em sorrisos ao de leve;

E, na doçura do olhar,
Há carinho, a coroar
Os teus cabelos de neve.

(Portalegre)

Teresa Helena Pereira Pascoal

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmelrim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775028